

A Noite Escura do Caos

Wanju Duli

2017

Design de Capa: Luigi Ligocky

Sumário

Prefácio.....	5
Introdução.....	7
Capítulo 1: Doces ou Travessuras?.....	17
Capítulo 2: Ressurreição.....	32
Capítulo 3: Noite Escura da Alma.....	46
Capítulo 4: Noite Escura do Caos.....	57
Capítulo 5: Os Cinco Mandamentos do Caos.....	72

Prefácio

Boa noite, sou o namorado da autora deste livro, que me pediu para escrever o prefácio, apesar de eu não entender absolutamente nada de magia do caos, apenas por osmose. Bom, vamos lá. Eu acredito que você deve ler esse livro por simples motivos, que é que eu vi ele sendo feito na minha frente e confio plenamente na capacidade da autora. Também li a curta história (capítulo 1) e não acreditei no que vi.

Os únicos livros de magia do caos que li são da própria autora e não conheço muito para falar. Na verdade, eu nem costumo ler muito e acabo jogando mais videogame. Inclusive é sobre o que eu escrevo mais, mas eu só dormi quatro horas hoje e isso não tem nada a ver.

Não mas sério, confiem nela, sempre trocamos ideias e fico maravilhado em como ela conhece tanto e dá respostas boas. Esse livro com certeza vai esclarecer muitas dúvidas ou criar mais dependendo da intenção, eu não sei. É isso!

Luigi Ligocky

Introdução

Li “Nightside of Eden” de Kenneth Grant em 2011. Na resenha da obra que escrevi naquela época, eu observei o seguinte: “Planetas, números, animais, chakras, cores, glifos ou qualquer coisa que exista nesse mundo, pode ter certeza de que o senhor Grant vai encaixar no seu castelo”.

E o que é esse castelo? Os diagramas da Árvore da Vida e da Árvore da Morte. A literatura judaico-cristã está repleta de termos referentes a uma progressão espiritual. Na cabala é possível avançar através das sephiroth e qliphoth. A meta é escalar os ramos da árvore, rumo à sua raiz. E há o Abismo. Daath é o local onde reside o dragão de oito cabeças.

Santa Teresa d’Ávila possui uma obra chamada “O Castelo Interior”. Esse livro, baseado em êxtases místicos, conta a jornada da alma humana rumo à ascensão espiritual. Deus reside na sétima e última morada. A alma humana seria um castelo de diamante, repleto de portas, quartos e andares. Nossa missão é explorar esse castelo até atingir as alturas.

No livro “A Noite Escura da Alma” São João da Cruz descreve os dez degraus da escada que é preciso subir para chegar a Deus. São João Clímaco também escreveu sobre os dez degraus da escada, também chamada de “escada de Jacó”. Na Bíblia Jacó teve um sonho com essa escada que levaria o homem até o céu. A Torre de Babel foi uma tentativa frustrada de

chegar ao céu de forma puramente material, esquecendo o espírito.

Em “The Jhanas” Ajahn Brahmavamso diz que os oito jhanas (oito absorções mentais que se deve atravessar para chegar à Iluminação) são como oito quartos de uma casa. Porém, para chegar ao segundo quarto é preciso atravessar o primeiro. Para chegar ao terceiro é preciso passar pelo segundo e assim por diante. Existe uma ordem que segue leis físicas, mentais e espirituais para que as coisas sejam dessa forma.

No mundo material nós percebemos que existe certa ordem aparente e uma possível causa e efeito para os eventos. Por analogia, imagina-se que exista algo assim também para os mundos mental e espiritual.

Nós construímos mapas para representar a realidade, mas não significa que as coisas sejam exatamente assim. Com base em modelos teóricos e práticos fornecemos um guia para que cada um possa iniciar sua jornada. Regras e símbolos são muito bons para que possamos ter uma vaga ideia a respeito de existências que se encontram além da razão e do maquinário que usamos para mensurar a realidade.

Existem realmente um Éden, uma Árvore da Vida, uma alma e um Deus? Podemos responder a essas perguntas usando modelos. Quanto ao “sim” e o “não” ambos são verdadeiros dependendo do paradigma utilizado. Caso o interior do paradigma possua uma consistência interna, ele pode ser usado com sucesso para obter certos resultados.

Muitas vezes quem responde “sim” e “não” estão falando exatamente da mesma coisa, mas usando

linguagens diferentes. E nos desentendemos devido a problemas de linguagem e não de ideias, como numa Torre de Babel.

Inicialmente pensei em nomear esse livro de “Lado Noturno do Caos” em homenagem à obra de Grant. Lembro que há uma passagem em "Nightside of Eden" em que Grant descreve um ritual que realizou com sua esposa, Gerald Gardner e outros companheiros de magia, usando um sigilo que Austin Osman Spare preparou para ele. Depois de passar uma tarde na residência de Gardner, eles se dirigiram até o aposento alugado especialmente para a ocasião por uma das magistas, que também era cafetina e prostituta. O ritual foi interrompido pelo som da campainha. A visita era o proprietário de uma livraria de ocultismo que, ao saber que Grant estava lá, preferiu não subir (e isso porque o proprietário da livraria conhecia a associação de Kenneth Grant com Aleister Crowley).

Kenneth Grant foi o grande divulgador da obra de Austin Osman Spare. Peter J. Carroll se baseou fortemente nas ideias de Spare para o desenvolvimento da magia do caos.

No final, optei por usar a referência de São João da Cruz, denominando o livro de "A Noite Escura do Caos". Mais adiante falarei mais sobre o conceito da noite escura e sua relevância para o ocultismo.

Em "Nightside of Eden" obtemos mais informações sobre um lado mais obscuro da história do jardim do Éden bíblico. O autor traz diferentes versões da história, incluindo narrativas apócrifas e a interpretação judaica que envolve Lilith.

E por que a história do Éden traz tanto fascínio? A princípio, pode parecer frustrante que algo tão trivial quanto comer um fruto possa causar a queda de toda a humanidade. Mas a natureza, e possivelmente Deus, não existem necessariamente para satisfazer o intelecto humano e nossos sentidos físicos. Temos a tendência de achar que todo o mundo material e espiritual existem com o objetivo de agradar o ser humano, mas provavelmente não é assim. Criticamos os Deuses porque suas ações podem não corresponder ao conceito humano de justiça, bondade e liberdade.

Segundo Protágoras, "o homem é a medida de todas as coisas". Mesmo que não seja de fato assim, é o padrão de referência que possuímos. Temos essa alternativa para jogar com a sorte ou vagar na escuridão.

Há algo a aprender com a dor e com o lado escuro do mundo e de nós mesmos. Frequentemente esse ensinamento é mais importante que nosso conforto. Isso tampouco significa que o prazer e a alegria não tenham seu papel na jornada.

Tanto a luz quanto a escuridão podem ser valiosos aliados. O caoísta deve adquirir a habilidade de usar diferentes máscaras e interpretar variados papéis no teatro cerimonial do mundo. Isso às vezes significa dar as mãos aos seus inimigos. Nem sempre porque você os ama, como Jesus, mas porque amá-los traz resultados. É possível que essa seja uma inversão destrutiva do que entendemos por ética. Ainda assim, pode ser um ponto de partida para a compreensão de uma realidade mais profunda.

Na obra "O Grimório da Transmutação" de Felipe Bolzan, Nocto Machado e Lua Valentia, existe uma reflexão sobre a sombra, tanto pelo conceito de Jung como em interpretações que o transcendem. Nós vemos sombras lá fora, que também é o reflexo da sombra que carregamos em nosso interior.

O cristianismo enxerga essa sombra como a mancha do pecado original com a qual estamos inevitavelmente marcados. Já os judeus e os muçulmanos não acham que o pecado original foi transmitido para a humanidade. Quem está certo?

Sinceramente, não importa muito. O conceito de pecado possui um sentido na lógica interna do cristianismo e pode ser válido, talvez apenas nesse paradigma. Em paradigmas em que não se usa o termo "pecado" como explicação, é preciso usar outras terminologias para substituí-lo, como karma, sombra ou sua palavra favorita. Para encarar seus medos de frente, você também pode optar por usar exatamente o termo que mais odeia.

A psicologia contemporânea explica a mente humana com termos recentes, cujos conceitos já eram utilizados, com outros nomes, pelas religiões há milênios. Nós apenas precisamos substituir a linguagem e a simbologia regularmente para tornar a explicação mais palatável para as novas gerações.

Cada época e cada pessoa possui seus fantasmas. Há os mais diversos métodos para lidar com fantasmas. Você pode ignorá-los, pode conversar com eles, pode tentar expulsá-los da sua casa à pontapés. Cada método possui sua utilidade para épocas e pessoas diferentes. E às vezes você pode ignorar, conversar ou expulsar fantasmas usando

técnicas parecidas e obtendo resultados semelhantes. Você apenas se sente melhor chamando exatamente a mesma coisa de um nome ou de outro.

Então isso significa que tudo é relativo, que nada é verdadeiro e que tudo é permitido? Se eu responder "sim", então nem tudo é relativo. No mínimo, essa resposta não é, o que destruiria a teoria. Isso de acordo com uma análise puramente humana, é claro. O que nós consideramos "lógico" pode não estar tão correto, mas por enquanto é isso que temos.

Existem certos limites do que podemos fazer em todas as esferas da realidade: mundo material, mental e espiritual. De acordo com Wittgenstein, "os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo". Mas até essa é apenas uma de muitas interpretações possíveis.

O sofrimento que sentimos pode até não ser real num sentido físico ou metafísico, mas é real o bastante para nós. E esse "real o bastante" normalmente nos basta. Isso é ser pragmático. A magia do caos lida bastante com pragmatismo.

Nós não gostamos da noite escura. Ela é desagradável. Ninguém quer uma noite escura. Mesmo que seja para aprender, para amadurecer, no momento em que acontece ela é quase insuportável. Há momentos em que aceitaríamos vender a alma para o diabo somente para nos livrarmos dessa sensação.

Nossos resultados dependem dos contratos que fazemos. Você fez um contrato social, como Rousseau? Um contrato com sua família, com seus amigos, com seu amante, com seus Deuses ou consigo mesmo?

Esse contrato é bastante poderoso? Há algo maior que o guia, acima de você mesmo e acima de sua própria dor? Nesse instante, essa dor tem um significado. Se o sofrimento possui ou não um significado intrínseco (se há um sentido universal para que exista dor no mundo, determinado pelos Deuses) é menos importante. O que nos interessa aqui é que você fez um contrato com alguém e determinou um sentido para seu sofrimento.

Você pode sofrer num relacionamento ou num trabalho, mas se há um sentido para aquilo, ou se o a recompensa compensa a dor, o contrato continuará a ser válido para você. A não ser que você decida assinar um contrato diferente e anular o anterior. Pode mudar sua devoção e trocar um Deus por outro. O resultado será prazeres e dores diferentes. Até mesmo escolher não adorar um Deus é um tipo de contrato com o universo. Da mesma forma que optar por não trabalhar e não ter relacionamentos são contratos implícitos que trazem seu posterior resultado, com perdas e ganhos.

Conforme C.S. Lewis em "O Problema do Sofrimento: "Deus sussurra para nós em nossos prazeres, fala em nossa consciência, mas grita em nossas dores: elas são seu megafone para despertar um mundo surdo". E, nas palavras de Margaret Mead: "A virtude é quando se tem a dor seguida do prazer; o vício, é quando se tem o prazer seguido da dor".

Não importa se aceitamos a noite escura antes ou depois. Eventualmente, ao menos uma vez na vida (e provavelmente mais vezes) ela nos assaltará. E, se

soubermos reconhecê-la pelo que é, irá se tornar nosso maior aliado.

A magia do caos é reconhecida por ser uma área da magia bastante otimista e piadista, repleta de banimentos por gargalhadas. E, de fato, o riso pode ser um dos nossos maiores companheiros. Os gregos antigos sabiam disso ao montar em seus teatros suas comédias e tragédias. Shakespeare sabia muito bem o papel de ambos na vida e como os dois eram simultaneamente opostos e complementares.

Amor e morte, Eros e Thanatos. "O amor é tão forte como a morte" diz o Cântico dos Cânticos. "Filosofar é aprender a morrer" disse Michel de Montaigne.

Aprender a lidar com a noite escura e talvez até a amá-la é uma das chaves para a revelação de grandes mistérios (fazendo uma lembrança do título de um dos livros de Eliphas Levi). A própria operação da magia de Abramelin possui uma etapa de luz e outra de sombra.

A magia do caos é geralmente classificada no Caminho da Mão Esquerda (LHP) embora ela goste de considerar a si mesma "sem classificações". Ela pode se metamorfosear em qualquer coisa, como um camaleão: em magia negra, branca, octarina; em dia, em noite, em eclipse, em aurora boreal.

Você pode alterar seu estado de consciência pela gnose excitatória, inibitória ou uma combinação de ambas. Pode usar métodos prazerosos, repulsivos e anotar seus resultados. Afinal, todos os caminhos te levam a algum lugar, nem que seja para o fundo do poço. Não que o fundo do poço seja totalmente desagradável. Quem sabe você ache uma água

lamacenta. E se não tiver ninguém perto para te tirar de lá, talvez seja o momento daquele papo bom com suas deidades, para quem você andava tão atarefado para dar atenção.

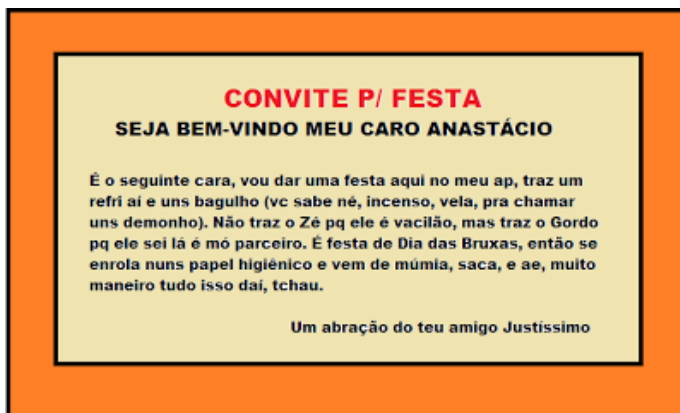
Em "A Noite Escura do Caos" você irá se deparar com muitos lados do caos, que nem sempre são bonitos. Isso porque nós e o mundo não somos tão bonitos assim. Quer dizer, nós até somos quando botamos aquela maquiagem. Mas pense quando você está acordando sábado de tarde, de ressaca, depois da noitada. Até que você pegou uns gatinhos bem jeitosos na madrugada, mas imagina se eles te vissem agora! Menina, só meu maridão mesmo que aguenta essa bruxa! E eu aguento ele porque, né, tá no contrato assinado com lágrimas, sangue, sêmen... opa, opa!

Nós gostamos do Caos porque ele é assim: um partidão nas sextas-feiras e um cachorrinho devorador de ossos aos sábados. É um cavalão e um potrinho manso. O Caos é selvagem e livre. E como pode haver magia quando não há controle? Será que tem como achar falhas na Matrix e um atalho para o Éden? Caso seu destino não tenha mudado, pois comer frutos já não é uma atividade tão tentadora no século XXI, com tantas opções melhores de porcarias maravilhosas e açucaradas no supermercado.

Para começar nossa jornada, eu vou te convidar para uma festa: é dia 31 de outubro (mentira, hoje é 29 de julho, dia de Santa Marta. Falarei um pouco sobre ela em homenagem à ocasião) e as bruxas estão soltas! É um dia de escuridão e morte, mas todos estão alegres e rindo! Por quê? O portal conectando

o mundo dos vivos e dos mortos foi aberto! Será esta uma tragédia ou uma grande sorte?

Aqui está um convite para a festa. Vamos iniciá-la no capítulo 1 e eu irei oferecer algumas fantasias e guloseimas. Como diria Peter Carroll em Liber Kaos: "Crie, destrua, aproveite, IO CAOS!"



Wanju Duli, Porto Alegre, 29 de julho de 2017

Capítulo 1: Doces ou Travessuras?

Finalmente chegou o dia da festa! Você está animado. Leva uma cestinha cheia de romãs. Você nem gosta de romãs, mas sente que deve fazer isso.

O que vem a seguir? Vamos passar na loja de doces. Temos as seguintes opções:

LOJA DE DOCES
SE COMPRAR 2 GANHA UM BRINDE SURPRESA

		
SACO DE BALAS R\$ 1,99	BARRA DE CHOCOLATE R\$ 2,99	MARSHMALLOW COLORIDO R\$ 2,99

VOLTE SEMPRE MEU QUERIDO! ♥

Você pensa bem, mas não consegue chegar a uma decisão e fica duas horas na loja. Por fim, decide comprar o saco de balas, porque é mais barato.

Só que você está muito curioso sobre o brinde surpresa. Por isso, resolve comprar o marshmallow também.

A dona da loja sorri e te diz:

"Aqui está o brinde. Só abra depois da meia-noite!"

SACO MISTERIOSO



Você dá de ombros e segue seu caminho para a loja de fantasia.

Chegando lá, começa a pensar qual delas tem mais relação com um Dia das Bruxas. Quando foi ao banheiro você já tentou o truque do papel higiênico que Justíssimo sabiamente lhe ensinou, mas não deu certo. Além do mais, era difícil tirar os restos de sujeira do papel higiênico usado que achou na lixeira.

Por isso, resolveu checar os preços na loja. Essas três eram as únicas opções:



LOJA DE FANTASIA
PROMOÇÃO ESPECIAL DE HALLOWEEN

Camiseta "Fora Temer"
campeã de vendas,
apenas R\$ 99,99!

Roupinha de bruxa,
com chapéu e vestido
tomara que caia,
apenas R\$ 199,99!

Chifre de demônio
com rabinho sexy,
miau! Por apenas
R\$ 139,99!

Você vê os preços e desiste. Volta para casa. Pega seu lençol branco e faz dois furos.
Tcharams!



**ANASTÁCIO ESTÁ MUITO
ORGULHOSO DE SI MESMO**

Agora sim, hora da festa. Você bate na casa do Gordo e vocês dois vão juntos para a casa de Justíssimo.

Chegando lá, Justíssimo diz:

(ELE É O CARA)



Gordo informa prontamente que trouxe tudo: refri, vela, incenso e até espada. Inclusive, a fantasia de Gordo é de mago negro.



"OK, OK, vamos começar essa joça" anuncia Justíssimo. "Primeiro vamos comer e dançar e depois a gente chama os demonho".

E assim foi feito: os três dançaram um pouco de funk e comeram dez miojos misturados na panela com pipoca, balas, marshmallow e a gelatina que Justíssimo encontrou no armário, apenas ligeiramente fora da validade.

Música de fundo: "Eu sou um cachorrão adestrado"



Depois que estavam todos de barriga cheia e cansados de dançar, deram início às evocações de demônios.

Primeiro foi traçado um triângulo no chão.

"Gordo, eu sei que você é parceria, então podia ficar em cima do triângulo um pouco pra gente ver se vai funcionar?" perguntou Justíssimo.

"Pô, Justo, nem tá usando fantasia e ainda tá me dando ordens? E se eu morrer?" perguntou Gordo, tristonho.

"Eu fiz um poema pra ler em sua homenagem se você morrer, meu amigo" informou Justíssimo.

"Isso que é amigo" disse Gordo, emocionado, derramando uma lágrima. "Está certo, já estou em cima do triângulo. E agora?"

"Agora vamos começar as evocações" disse Justíssimo.



"Ei pessoal, acho que estou sentindo alguma coisa" disse Gordo.

"O que foi?" perguntou Justíssimo.

"Hmmm?" você pergunta, pois é difícil falar com o lençol na cara.

"Estou recebendo revelações misteriosas do além" respondeu Gordo. "Alguém baterá na porta nesse exato instante.

No mesmo segundo, houve o barulho da porta: "TOC, TOC, TOC!".

Você e Justíssimo pulam de susto.



Q-Q-Q-Q-QUEEEM EEEEEH???!?

Justíssimo, tremendo de medo, abre a porta. Diante dele, surge uma figura conhecida:

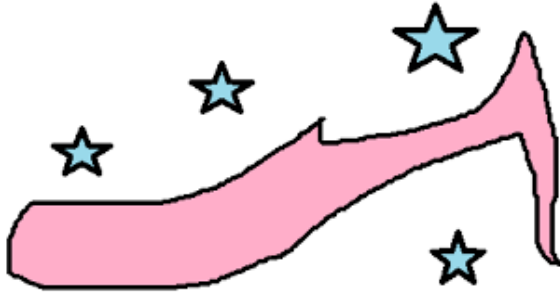


PQ NÃO ME CONVIDARAM PARA A FESTA SEUS CACHORROS?

"ZÉÉÉÉÉ?!" exclamaram vocês três surpresos. Na verdade agora ele se chamava Zezita, desde a mudança de sexo.

"Seus traidores!" urrou Zezita "Vou me inspirar na minha diva Malévola e irei matar todos porque não me convidaram para a festa! Eu tenho um grimório cheio de maldições e irei lançar todas em vocês!"

Porém, no exato momento em que Zezita iria fazer isso deu meia-noite. Você, rapidamente, lança seu saco misterioso na direção de Zezita. Ele abre o saco e fica maravilhado.



Um delicado sapato de princesa tamanho 44

"Que sapato PERFEITO sempre quis ser uma princesa! Finalmente um sapato que cabe no meu pé! Agora posso ir procurar meu príncipe!" bradou Zezita.

E foi embora depois disso.

Justíssimo vomitou na privada.

"Que estranho, estou um pouco enjoado" ele disse
"Será que a janta não caiu bem? O miojo havia vencido há apenas 8 anos".

Gordo se virou e disse:

Música de
fundo:
"Eu quero
um cachorro
com três
pernas e que
saiba dançar
tango"
♪♪♪"



**ESTOU ME SENTINDO UM POUCO
ESQUISITO TAMBÉM, SERÁ QUE A PIPOCA
ESTAVA MUITO SALGADA?**

Você retira o lençol de forma dramática e brada:



Música de fundo: "Meu cachorro é mais bonito que seu namoradoo"

Justíssimo conclui:





A VIDA É FASCINANTE E ISSO É BOM PQ
TEM AZEITE GOSTO DE DANÇA E
ONTEM EU PESQUEI PQ EU LATO NO Q

FIM

PS: O a qo q aconteceu com as romãs???

Capítulo 2: Ressurreição

Agora que já tivemos um gostinho do Dia das Bruxas, voltemos para 29 de julho. Vou falar um pouquinho sobre a Santa Marta, já que prometi.

Existe uma grande polêmica de uma passagem bíblica a respeito de Marta. É a seguinte:

"E aconteceu que, indo eles a caminho, entrou Jesus numa aldeia; e certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa; E tinha esta uma irmã chamada Maria, a qual, assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra. Marta, porém, andava distraída em muitos serviços; e, aproximando-se, disse: 'Senhor, não te importas que minha irmã tenha me deixado só com todo o serviço? Peça-lhe que me ajude. E respondendo Jesus, disse-lhe: 'Marta, Marta, estás ansiosa e preocupada com muitas coisas, mas uma só é necessária; E Maria escolheu a melhor parte, a qual não lhe será tirada" (Lucas 10: 38-42).

Resumo da passagem: Marta estava arrumando a casa sozinha, enquanto Maria escutava o discurso de Jesus. E Jesus disse que Maria escolheu a melhor parte. O que isso significa?

Uma vez um frade me disse que ele e os amigos usavam essa passagem como "desculpa" para não lavar os pratos no seminário. Afinal, é mais importante as coisas espirituais do que as mundanas, certo?

Só que a interpretação não acaba por aí. Um dos sermões do Mestre Eckhart é chamado "A excelência de Marta sobre Maria". Segundo Eckhart, na verdade

Jesus fez um elogio a Marta, sendo esta superior a Maria porque já está mais madura, aplicando em obras aquilo que aprendeu, enquanto Maria ainda está no começo, fascinada com os ensinamentos.

Mestre Eckhart sempre teve a má reputação de realizar interpretações bíblicas muito heterodoxas. Hoje em dia seus ensinamentos já são bem aceitos, assim como os carmelitas, que hoje são respeitados na Igreja, e eram criticados em seu tempo por serem "místicos demais".

Essa questão do controle sempre foi muito recorrente. A Igreja sempre quis possuir a autoridade de interpretar corretamente os ensinamentos e estabelecer aquilo que é permitido ou proibido, considerando-se divinamente inspirada. Nas épocas em que ocorreram suas grandes revoluções internas (como o surgimento da ordem dos franciscanos, dominicanos, carmelitas, etc) esses começos eram encarados com suspeita e havia certa resistência para aceitá-los.

Depois que a novidade revolucionária se torna tradicional e convencional, ela passa a ser a nova regra e a atual lei. Isso acontece no meio do ocultismo também. O que chamamos de magia tradicional, a astrologia, a alquimia, o tarot, tudo isso foi encarado com desconfiança em suas etapas de desenvolvimento.

Posteriormente, quando essas áreas tomaram uma forma mais fixa, elas viraram a tradição e tudo que desviasse um pouco disso era considerado incorreto.

Isso também aconteceu com a magia do caos e até antes disso. Crowley e Spare eram "heterodoxos" em sua forma nova de interpretar e fazer magia. Depois

eles viraram tradição. E então veio a magia do caos para questionar a tradição. Mas passadas algumas décadas, hoje já existem muitos magistas do caos "guardiões da tradição" e que se ofendem cada vez que os sigilos de Spare não são usados rigorosamente da maneira que Spare ensinou.

Também há quem cite Peter Carroll e reclame que se você não segue os ensinamentos do Liber Null e do Liber Kaos (bases para a IOT) você não é um caoísta, ou é um caoísta que não entende as coisas direito.

Mas voltemos para Marta. A história de Marta e Maria nos diz muito a respeito da importância tanto da teoria quanto da prática.

Há magistas que leem muito, estudam a parte teórica muito a fundo e tudo isso é fundamental. Também há magistas que praticam profundamente e isso também é maravilhoso. Mas ambos se complementam e não há sentido em tentar confrontar as duas abordagens.

No cristianismo há os contemplativos e os ativos, mas cada um possui um misto de ambos. A questão é a ênfase que cada um escolhe dar a seus pontos fortes, ao que a pessoa se sente chamado para fazer.

Dê uma olhada no seu mapa astral. Descubra seus pontos fortes e os fortaleça ainda mais. Isso não significa que você também não tenha que trabalhar com suas fraquezas. Mas é óbvio que, se eu tenho facilidade e atração para uma área, irei me inclinar para ela naturalmente. Ninguém precisa ser perfeito em tudo.

Todo mundo tem um lado escuro, mas esse lado pode até mesmo ajudar a fortalecer a parte clara,

assim como a dor pode gerar um grande ensinamento para valorizar a alegria. Não precisamos sempre fugir da dor ou tentar destruí-la. É preciso observá-la pelo que é. Por que ela está ali?

Os "porquês" partem do pressuposto de que a vida tem um sentido e de que esse sentido pode ser descoberto, pelo menos em parte. Afinal, se não existe ordem ou sentido, por que se importar? Ou, caso exista sentido e não podemos descobri-lo, não há motivo para se agitar com isso tampouco.

Ainda assim, nós nos agitamos. Talvez porque, no fundo, acreditamos que o universo siga um tipo de ordem e exista uma razão para as coisas acontecerem dessa forma.

Na magia do caos nós questionamos se há de fato ordem ou sentido, mas não os negamos. Todas as portas e possibilidades devem estar abertas. Se elas permitem algum resultado prático interessante, por que fechar a porta e limitar meu campo de visão?

Nós queremos o Éden, a alegria, a felicidade, um mundo perfeito para nós e para todos. Mas nós perdemos o Éden. Houve um sentido para ele ser perdido ou isso foi fruto do mero acaso?

Há quem diga que Deus planejou tudo. A queda de Adão e Eva eram necessários para que Jesus viesse ao mundo e, com sua morte, redimisse a humanidade. Se o pecado não tivesse acontecido, Deus não teria se tornado um ser de carne e vivido no mundo material.

Segundo esse raciocínio, é melhor ser imperfeito com Deus do que perfeito sem Deus. Mas será que existiria essa suposta perfeição sem Deus? Mais

especificamente: é melhor ser imperfeito com liberdade do que perfeito sem liberdade.

A chave para compreender a história do Éden está na questão da liberdade. Deus preferiu que o ser humano fosse livre e sofresse do que fosse feliz sem liberdade. Mas não existe a alternativa de ser feliz e livre?

Essa dualidade de felicidade e sofrimento, liberdade e aprisionamento, operam juntas. Em suma: a chave para a felicidade é o sofrimento. E a chave para a liberdade é a prisão. Mas falando dessa forma não parece fazer o menor sentido. Vou explicar melhor.

Para alcançar a Árvore da Vida é preciso morrer. Não se trata de um processo puramente espiritual, mas também físico. Nosso corpo de carne precisa ser devorado pelos vermes ou pelo fogo para atravessar completamente a barreira para o outro mundo.

Quando Buda atingiu o nirvana, ele sentiu o primeiro gosto da liberdade. Mas ele sempre soube que o gosto completo só viria com o parinirvana, ou seja, o nirvana completo que só vem com a morte do corpo físico.

Ainda assim, o que precisamos fazer na vida não é somente esperar o dia de nossa morte. Muito pode ser feito até lá. O que podemos fazer é preparar nosso espírito para morrer.

Todo dia nós experimentamos pequenas mortes, com eventos de nosso dia e pelo simples fato de dormir. Até comer é um ritual simbólico e literal da morte, quando devoramos o corpo de outros seres.

O sentido da vida é a morte e o sentido da morte é a vida. Se há um sentido. Mas atribuir esse sentido às coisas possui consequências práticas interessantes.

Nós nos apegamos ao prazer e à vida e consideramos a dor e a morte negativos. Portanto, quando chega o sofrimento e a morte não sabemos como lidar com eles, pois apenas fugimos deles e os repudiamos. Nós também temos sede de liberdade e quando somos aprisionados nós sofremos enormemente.

As grandes religiões perceberam essa tendência humana e desenvolveram métodos para quebrar esse ciclo. Religiões como cristianismo e budismo, por exemplo, sempre tiveram um teor ascético muito forte.

Realizar ascetes, mortificações, austeridades, ou como queira chamar, significa buscar a dor, a morte e o aprisionamento por vontade própria. Quando nós buscamos o lado escuro, não temos mais medo dele. Conhecemos tão de perto a dor que quando ela nos aparece na vida já sabemos como lidar com ela, ao menos em parte ou melhor que antes.

De acordo com o budismo, somos como crianças, buscando incessantemente prazeres e fugindo da dor. Como nossa tendência natural é amar o prazer e odiar a dor, realizar exatamente o oposto é uma mudança de paradigma tão extraordinária que é uma forma de transcender nossa forma convencional de encarar o mundo.

Não basta apenas "ver prazer e dor como iguais". Isso é apenas um falatório bonito. Na prática, não fazemos isso. Buda só descobriu o Caminho do Meio porque conheceu os dois lados: uma vida de prazeres

no palácio e outra de privações, com anos de pesadas ascetes nas florestas.

É comum que, quando passamos por fortes privações na vida, por circunstâncias além de nosso controle, isso nos gere um amadurecimento. Mas na vida somos jogados nessas situações sem piedade. A proposta das religiões é que cada um no seu ritmo possa experimentar essas situações dolorosas através de pequenos gestos.

O cristianismo costuma ser um pouco mais leve do que as religiões indianas nesse sentido, mas nem sempre foi assim. Até hoje, o cristianismo ortodoxo possui uma tradição de jejuns de longas horas antes da comunhão, que também era nutrido pelo catolicismo nos velhos tempos. Nos dias de hoje, há apenas os jejuns da Quaresma. Já o islamismo mantém seus jejuns no mês do Ramadan.

É comum que alguns ocultistas encarem essas restrições religiosas com desprezo. Dizem eles que isso é desprezar o corpo e a realidade material, que devem ser celebrados e plenamente desfrutados. Portanto, podemos e devemos fazer muito sexo, comer o que quisermos e quando quisermos e experimentar os mais variados prazeres possíveis sem culpa.

Acredito que muitos daqueles que defendem isso podem não ter entendido completamente qual é o objetivo das privações. Elas não são feitas porque o prazer é olhado como se fosse inferior. Pelo contrário: o prazer é algo tão precioso que livrar-se dele é doloroso. Esse sacrifício é feito em nome de Deus ou em nome de um objetivo maior como o amadurecimento espiritual ou disciplinar as próprias

emoções e impulsos, tudo isso em nome da felicidade e liberdade.

Quando corremos para tentar alcançar a felicidade e a liberdade como desesperados, elas podem nos escapar. É preciso fazer um jogo de sedução. É necessário realizar uma preparação prévia para "tornar-se digno da felicidade", como diria Kant. É como a preparação da operação de Abramelin, na qual nos inflamamos de orações e trabalhos de caridade, para com isso "chamar a atenção do Anjo" para nós.

Para alterar o estado de consciência no budismo e atingir o primeiro jhana também é preciso realizar esse "jogo de sedução" com a nimitta (que é o sinal que antecede a absorção). Primeiro você precisa ignorar a luz brilhante que aparece e manter o foco no seu trabalho de meditação, para que depois ela retorne com mais força. Não adianta tentar agarrar o mundo inteiro se você ainda não está preparado. Concentre-se no seu treino, passo a passo e no seu ritmo, que os resultados irão se mostrar no devido tempo.

No budismo é dito que a liberdade vem através da disciplina. Ou seja, da privação e aprisionamento voluntário. É por esse motivo que existem os mandamentos nas religiões abraâmicas e códigos morais similares nas demais religiões.

Quando colocamos correntes em nós mesmos esse pode ser um primeiro passo rumo à liberdade. Quando queremos desesperadamente ser livres, sem seguir nenhum tipo de regra ou lei, fazendo "o que quisermos" sem nos importarmos com

absolutamente nada, será que essa será uma liberdade genuína?

Nós queremos fazer tudo e podemos sim fazer um número enorme de coisas, contanto que aceitemos suas devidas consequências. Na Bíblia há uma passagem que diz: "Tudo me é permitido, mas nem tudo convém" (1 Coríntios 6:12). De qualquer forma, não temos tempo nessa vida para fazer de tudo. É preciso escolher dentre as opções disponíveis no que iremos nos focar. Essa frase até me lembrou do nome de um livro do Austin Osman Spare (The Focus of Life).

Portanto, se queremos aprender a ser livres, em primeiro lugar devemos aprender a não ser livres. Devemos aprender a obedecer nossos contratos e promessas, seja aqueles que realizamos com nós mesmos (um calendário de atividades para o dia, projetos, etc), com os outros ou com os Deuses.

É normal falhar. E, da mesma forma, a chave para aprender a vencer é aprender a falhar. Significa falhar tantas vezes que esse fantasma já não nos assusta mais.

Tornar-se bom em meditação significar fazer tantas vezes meditações horríveis, sonolentas, dolorosas, que já não nos sentimos mal quando elas acontecem. Não nos chateamos, não tomamos mais isso como uma ofensa pessoal à nossa falta de capacidade para meditar. Ao contrário: aprendemos que a falha é o melhor professor. Quando aceitamos naturalmente a falha, aprendemos com ela e até fazemos amizade com a moça (ela se torna uma velha conhecida), finalmente passamos a acertar algumas

vezes. E, com o tempo, fazer uma meditação boa ou ruim logo já não fará tanta diferença.

É claro que podemos continuar imensamente felizes quando as coisas correm bem e tristes quando elas correm mal, mas não permitimos que essa tristeza toque o fundo da alma e despedace o coração. Nós devemos reconhecer a tristeza como tristeza e permitir a nós mesmos momentos de fraqueza. Ainda assim, podemos encará-la como algo mais natural, parte da vida e do processo do aprendizado. É exatamente por causa das meditações ruins que existem as boas. É como se as meditações boas fossem frutos que nascem a partir da flor das meditações ruins. Sem elas, jamais viria o fruto. Portanto, é preciso ter paciência.

Disso tudo conclui-se que, sim, a chave para a felicidade é o sofrimento. Para ser feliz, é preciso aprender a sofrer. Para desfrutar da vida em sua plenitude, é preciso aprender a morrer.

Essas não são apenas palavras bonitas que escrevo aqui para que soem legais. Elas merecem ser colocadas em prática.

A religião cristã possui um grande apelo para tanta gente até hoje, exatamente porque ela fala sobre como chegar à felicidade através da dor. Ela ressoa fortemente em pessoas mais pobres, mais velhas ou que já sofreram muito na vida. A religião dá um significado ao sofrimento das pessoas. Aquela dor não aconteceu por nada, mas possui uma razão maior. Ela é a chave para compreendermos o grande mistério da vida.

Jesus veio ao mundo somente para sofrer e morrer. Esse foi o único sentido de sua existência:

nasceu muito pobre, realizou trabalhos braçais pesados durante toda a vida, permaneceu pobre e, um dia, foi torturado e morto.

Qual é o sentido de nascer somente para sofrer e morrer? Muitas pessoas se perguntam isso o tempo todo e quando leem sobre a vida de Cristo esse eco ressoa em suas próprias vidas. Então elas querem imitar Cristo.

"A Imitação de Cristo" de Tomás de Kempis é o mais famoso livro cristão depois da Bíblia. Como eu costumo dizer, ele era equivalente ao que são hoje os best-sellers do New York Times do final da Idade Média. Todos os santos da época o conheciam e o citavam.

É possível que muitas pessoas hoje pensem que a vida não faz sentido ou não saibam lidar com o sofrimento e a morte porque ou levam vidas relativamente confortáveis (longe de fome, pobreza extrema, trabalhos braçais pesados, de situações de morte, etc) ou porque, mesmo que sofram muito, considerem que o modelo que devem atingir é ser rico, saudável e belo.

Muita gente no ocultismo faz a seguinte pergunta, que eu mesma considero um pouco sem sentido: "se o magista X é tão sábio e poderoso, por que ele não consegue se curar da sua doença, por que ele é pobre, etc". Para as pessoas de hoje, ser sábio e poderoso é sinônimo de ser capaz de fazer muito dinheiro, de manter-se eternamente jovem, belo, ser famoso, e coisas assim.

É verdade que essa é uma ideia que já existiu nas mais variadas épocas e lugares, mas também sempre houve pessoas para contestar esse paradigma. Vários

filósofos se colocaram contra ele na Grécia Antiga e eu sempre cito Diógenes como alguém que mostrou um exemplo prático.

Na Idade Média europeia, no interior do paradigma cristão, o objetivo final não era ser rico, belo e famoso. Ao contrário, o modelo maior era o santo, aquele que abandonou o mundo, que fez voto de pobreza, que usa roupas surradas, que se retirou para um local desconhecido para apenas servir Deus e imitar Cristo em sua pobreza e simplicidade. Somente assim ele chegaria mais perto do objetivo da vida, da felicidade e da liberdade.

Muitas religiões indianas seguiram um caminho semelhante (principalmente seitas do hinduísmo, jainismo e budismo). Sempre houve a nobreza (os reis) e grandes ricos, mas possuíam eles o monopólio da felicidade? Até hoje o dinheiro é considerado como caminho absoluto e exclusivo para a felicidade. Tanto que a justa distribuição de riquezas por todos costuma ser citado como único caminho de salvação (é a visão materialista de que a felicidade está exclusivamente na matéria). Mas houve muitos reis e príncipes medievais que abandonaram o mundo. Sabemos que era algo comum na Índia também, como foi o caso de Buda e Mahavira.

Não é sábio tampouco negar a matéria e sua importância. Nós temos um corpo e esse corpo, embora possa ser um tipo de prisão, também pode ser visto como exatamente aquilo que nos levará a um caminho de liberdade.

O problema é achar que com a resolução das questões políticas e econômicas todo o resto é supérfluo. É verdade que essas são duas áreas

importantes, mas as pessoas hoje costumam disputar mais sobre política do que sobre religião. A importância da religião foi relegada a segundo plano em relação à questão da felicidade. Enquanto no cristianismo a pobreza era exaltada (no sentido positivo, como caminho para Deus) hoje essa exaltação da pobreza é criticada como manutenção do status quo.

"O meu reino não é desse mundo" disse Jesus (João 18:36). Creio ser esta uma visão revolucionária que mostra que podemos mudar o mundo não somente através de reformas políticas, mas também por outros caminhos. É bom abrir as nossas perspectivas e métodos. O cristianismo, sem focar no materialismo, conseguiu gerar diversas transformações materiais através de doações voluntárias que ainda fazem mais efeito para ajudar certas populações pobres de vários países que as reformas políticas não atingem.

Jesus não teria vindo ao mundo somente para curar doentes, mas para morrer. Ele iria salvar através de sua morte e ressurreição e não pelas curas materiais. Esse é um conceito extremamente difícil de entender na época materialista em que vivemos, mas mais tarde voltaremos a ele (isso tem relação com a história de Marta e Maria). Nós atingimos a imortalidade com o sofrimento e a morte e não vivendo o máximo de tempo possível com o máximo de conforto que conseguirmos. E, a parte mais difícil: esse não é o único mundo.

Com essa introdução ao modo de pensar cristão, creio que podemos começar a falar sobre a noite escura. A noite escura da alma é um conceito da

mística cristã apresentado plenamente por São João da Cruz, que viveu num início de Idade Moderna que ainda possuía muitos resquícios de Idade Média. Numa época em que as reformas protestantes estavam em voga, ele fez questão de defender a ortodoxia católica, mas sem deixar de apresentar algumas inovações. Ele teve que lidar com as autoridades da época para que suas reformas fossem autorizadas e passou por muitos sofrimentos.

Hoje o termo "noite escura da alma" é largamente usado no ocultismo. Iremos analisar como foi sua origem e como ele foi transformado através dos tempos.



Capítulo 3: Noite Escura da Alma



O livro “A Noite Escura da Alma” é dividido em duas grandes partes: a Noite do Sentido e a Noite do Espírito.

São João da Cruz chama de “avarento espiritual” aquele que deseja progredir no caminho espiritual o mais rápido possível e entrega-se a práticas fortes de jejuos, orações, meditações, etc. Porém, na maior parte das vezes isso é feito tendo em vista sentir o que o praticante pensa ser um “êxtase espiritual” mas que na verdade trata-se de um êxtase dos sentidos. A gula espiritual é semelhante, quando o praticante

encontra-se embriagado por tais sensações, totalmente cego pelas suas práticas e deseja senti-las mais e mais, cometendo aqui o pecado do orgulho espiritual, achando-se melhor que os outros por praticar com mais intensidade (sendo que ele só está julgando pelo lado de fora e não pelo de dentro, que é impossível julgar). Entra aqui também a ganância espiritual e a luxúria espiritual, pois o praticante apenas quer mais e mais daquela sensação, chegando a sentir um prazer quase sexual, o prazer dos sentidos. Ele só quer satisfazer a si mesmo com tais práticas e não realmente compreender e aprofundar sua espiritualidade.

A Noite Escura da Alma ocorre quando a pessoa para de sentir essas sensações de êxtase e fica desesperado, numa espécie de crise de abstinência. Afinal, se alguém realiza uma prática puramente pelas sensações dos sentidos, por mais elevadas que elas pareçam, não poderá ficar satisfeito, pois as coisas do mundo não duram e essa pessoa não sentirá essas sensações para sempre.

O raciocínio é o seguinte: supomos que uma pessoa largou os prazeres do corpo para buscar os prazeres do espírito. Então ela se maravilha com os êxtases espirituais e todo seu alimento vem deles. No entanto, quando ela os perde, fica sem nada: sem prazeres do corpo e sem prazeres do espírito, o que causa uma grande dor. Ela fica entre os dois mundos, sem ter o consolo nem de um e nem de outro.

No livro é usado o termo “guerra da noite escura” pois se trata de uma batalha espiritual, como a que Jesus teve com o diabo no deserto. É nesse momento em que se perde tudo que a alma é tentada.

Normalmente, na nossa vida diária, temos vários consolos para nos afastar da dor inerente à existência. Podemos dormir, comer, ler livros, assistir filmes, jogar jogos, dentre muitas outras distrações. Enquanto temos essas diversões, muitas vezes o sofrimento não nos atinge ou chega em baixa intensidade.

A ideia de uma batalha espiritual solitária é colocar o corpo e a mente em estado “de deserto”. É o que o cristianismo chama de “secura espiritual” (o antigo pecado da “melancolia”, que depois virou “preguiça”).

Isso se chama “se colocar à prova”. Alguns dizem que a vida é um jogo e Deus nos colocou nesse mundo para que passemos por um teste. O teste de cada pessoa é diferente. Ele deseja ver como nos saímos nas diferentes adversidades que a vida nos apresenta.

Mesmo uma pessoa que não acredita em Deus e espiritualidade, eventualmente irá se deparar com dor e morte. Se a vida fosse apenas matéria, talvez fizesse pouco sentido que essas coisas existissem. Faz muito mais sentido quando colocamos a variável “espírito” na jogada. As regras do jogo se tornam mais claras.

O termo deserto e secura espiritual possui relação com a ausência de água. Existem os mais diferentes tipos de jejuns. Um jejum sem nenhum tipo de comida ou água (comum no islamismo) seria o mais difícil. Isso é colocar literalmente o corpo em estado de deserto.

No cristianismo existem as vigílias, que significa abster-se do sono, não dormir ou dormir pouquíssimo. É um corpo que não possui o básico

para viver (sono, comida e água) atinge um estado de completo abandono e angústia. As coisas materiais não podem mais consolá-lo.

E como se prepara um deserto para a mente? Abstendo-a de diversões. Os antigos padres do deserto abstinham-se até mesmo de livros, para não se sentirem tentados.

Tirar os consolos do corpo e da mente é a Noite do Sentido. Você não tem mais nenhum objeto para satisfazer seus sentidos físicos e isso o mantém em estado de escuridão. Esse estado é necessário para reproduzir a solidão do deserto.

Agora que você se preparou do lado de fora, irá se preparar por dentro. No caso do cristianismo, irá inflamar-se de orações. No caso do budismo, irá realizar uma meditação profunda.

Tudo está bem quando você consegue alterar seu estado de consciência e manter-se em jhana. Tudo está maravilhoso quando Deus responde suas orações e quando ele te presenteia com o êxtase do espírito.

Mesmo quando você está com fome, sede e sono (excetuando-se aqui casos extremos), enquanto você tem o êxtase espiritual, Deus, o Anjo, ou quaisquer deidades para te consolar, ainda há esperança.

Mas o objetivo da noite escura é não ter esperança. É destruir tudo e te deixar sem nada.

No cristianismo místico é dito que, quando Deus vê que a alma está pronta, ele se afasta. Ele te deixa num estado de noite escura para te testar, pois é somente através dessa noite que a alma poderá avançar espiritualmente.

Na Bíblia é dito:

“Então foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo” (Mateus 4:1).

Ou seja, o próprio Espírito Santo o conduziu ao deserto, para que ele fosse propositalmente tentado pelo diabo. E para isso jejuou por quarenta dias e quarenta noites, assim como Elias.

O objetivo da tentação e da noite escura é o de estar sozinho com o diabo. Deus não te ajuda nesse momento porque deseja te presentear com o livre-arbítrio de ceder à tentação ou de superá-la.

A noite escura é aquele momento da vida em que sentimos que não temos nada. Assistir um filme parece sem graça, não dá vontade de sair de casa, de ver pessoas, até acordar é doloroso. Nem família, nem amigos, nem Deus, nem ninguém parecem ser capazes de chegar a nosso coração. Ele está imerso num deserto e numa solidão profunda.

A psicologia moderna chamou esse fenômeno de depressão. Esse era um estado que já era conhecido pelos antigos há muito tempo. Hoje em dia a depressão é tida como um fenômeno contemporâneo da nossa rotina agitada, mas ele jamais foi algo recente. A humanidade sempre conheceu essa sensação e a descreveu em livros.

Sempre achei o termo “melancolia” belíssimo para descrever esse estado de espírito. E considero o cristianismo nada menos que genial ao transformá-lo em poesia, descrevendo-o como uma batalha espiritual contra o diabo. Afinal, é exatamente isso que acontece.

Deus nos abandona quando mais precisamos. Estamos no fundo do poço e Deus desapareceu, não está lá. Ele sempre respondia nossas orações quando

as coisas iam bem. E agora que tudo vai mal, ele desapareceu!

Muita gente, sem conhecer a descrição da literatura sobre a noite escura da alma, deixa de acreditar em Deus quando coisas ruins acontecem na vida e não há resposta. No entanto, de acordo com a descrição dos santos, é exatamente assim que deve ser. Foi assim com Jesus também.

“Por volta das três horas da tarde, Jesus bradou em alta voz: ‘Eloí Eloí, lamá sabactâni?’ que significa: ‘Meus Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?’ Quando alguns dos que estavam ali ouviram isso, disseram: ‘Ele está chamando Elias’” (Mateus 27: 46-47).

Eu considero particularmente interessante a parte em que as pessoas acham que Jesus está chamando por Elias. Afinal, Elias também teve seu período de tentação no deserto, sua noite escura.

Outra história fascinante sobre isso no Antigo Testamento é o Livro de Jó. A história começa com Deus perguntando a Satã o que acha de Jó (é bastante divertido ver Deus e o diabo tendo uma conversa informal na Bíblia, quase como velhos amigos). Satã diz que Jó só tem fé porque é rico, tem filhos bondosos e tudo do melhor. Para descobrir se é verdade, Deus dá a permissão para que Satã tire de Jó tudo que ele possui, para testar se ele ainda assim terá fé.

Jó fica desesperado com a perda dos filhos, dos amigos e de tudo que possui, mergulhando em completa pobreza e doença, mas mantém sua fé. E não foi fácil fazer isso. Ele passou por uma terrível

noite escura e esse livro relata com poesia e beleza sua dor.

Em “A Noite Escura da Alma” diz São João da Cruz:

"De fato, é necessário à alma permanecer neste sepulcro de obscura morte, para chegar à ressurreição espiritual que espera".

Sentir as dores da noite escura seria uma etapa necessária e indispensável no caminho espiritual. Sente-se uma sensação parecida com a morte e somente aquele que aceita essa morte poderá atravessar o abismo. Na cabala, ele é chamado de Abismo de Daath.

A existência dessa etapa não significa que o praticante está regredindo em seu caminho e sim avançando. Muita gente, ao sentir essas sensações ruins e extremamente dolorosas ao mexer com espiritualidade, recua ou até se afasta definitivamente do caminho espiritual, pois não suporta a sensação desconfortável. Porém, é necessário queimar-se nesse fogo, como se fosse um ritual de cremação para renascer para o espírito (o fogo do Espírito Santo).

Diz São João da Cruz:

“É como se fosse um imenso deserto, sem limite por parte alguma, e tanto mais delicioso, saboroso e amoroso, quanto mais profundo, vasto e solitário. E a alma aí se acha tão escondida, quanto se vê elevada sobre toda criatura da terra. Este abismo de sabedoria levanta, então, a mesma alma, e a engrandece sobremaneira, fazendo-a beber nas fontes da ciência do amor”.

"Quando assim acontece, no tempo em que o anjo bom começa a comunicar à alma a espiritual

contemplação, ela não pode recolher-se no esconderijo secreto da contemplação tão depressa que não seja vista pelo demônio; e, então, ele a acomete com impressões de horror e perturbação espiritual, às vezes penosíssimas".

"Torna-se precisa, contudo, uma observação: quando o anjo bom permite ao demônio a vantagem de atingir a alma com este espiritual terror, visa purificá-la e dispô-la, com esta vigília espiritual, para alguma festa e mercê sobrenatural que lhe quer conceder. Aquele que nunca mortifica senão para dar vida, e jamais humilha senão para exaltar".

É a velha questão do argumento do mal: por que existiria mal num mundo com Deus? Para que seja possível percorrer o caminho da moralidade, queimar-se nesse fogo e renascer dele.

Na verdade existe um termo em latim usado no cristianismo para essa sensação de vazio/depressão/noite escura. Ele se chama "acedia" que hoje é o termo usado para o pecado capital da preguiça, mas também pode significar "apatia", "fadiga" e "exaustão", como se estivéssemos cansados da vida e do mundo. Até respirar parece difícil.

Os monges da Idade Média, com pouquíssimas distrações nos mosteiros, conheciam muito bem essa sensação. Eles sabiam o que era ficar profundamente entediados a ponto de sentir um vazio. Eu diria que eles eram verdadeiros mestres em saber como lidar com o tédio sem o auxílio de internet e televisão, então preste atenção nas dicas da literatura cristã para lidar com isso, pois são inestimáveis.

Hoje em dia você pode receber dicas vagas como “faça um curso de cerâmica” ou “saia com os amigos” sem explorar em profundidade a causa dessa sensação. Ela pode, sem dúvidas, ter origens materiais e mentais, mas existe também uma explicação espiritual. Todas elas podem ser exploradas e uma ajuda a outra.

E como combater a melancolia? O cristianismo ensina que é através da virtude da disciplina. Anteriormente eu falei a respeito da disciplina e do “aprisionar-se” através de certas regras como sendo aquilo que nos leva à liberdade.

Pois bem, essa aparente prisão da disciplina também é exatamente aquilo que afasta o tédio, o vazio e a depressão. Por isso eles conseguiam lidar com o tédio no mosteiro, com a vida extremamente disciplinada que tinham.

Na época em que vivemos, isso é traduzido por “faça várias atividades”, como se matricular num curso de línguas, sair para caminhar, etc. É verdade que essas coisas podem alterar as causas físicas do tédio, pois alimentar-se bem, realizar atividades físicas e pegar sol influenciam diretamente no humor. Mas isso não é tudo. O objetivo não é encher seu calendário de atividades para não ter tempo de pensar nas causas do seu sofrimento.

Pelo contrário, o objetivo de travar uma batalha com o diabo é o autoconhecimento. Não queremos que você fuja da batalha, mas que vença. Nesses episódios de batalhas no deserto, Jesus e Elias no final recebem a presença de anjos que os presenteiam com comida.

É claro que você não precisa vencer todas as vezes. Já falei antes sobre o valor de falhar incontáveis vezes para sentir-se confortável com o fato de que somos seres humanos e podemos errar e cair.

O problema que vejo com alguns conselhos no estilo de autoajuda é que frequentemente o aspecto espiritual não é levado em conta. Nesse paradigma, você tem sucesso quando sua mente está em paz ou quando você conquista alguma coisa no plano material (saúde, um emprego, etc).

Todas essas podem ser coisas de valor, mas não é a história completa. Também já mencionei sobre como os nossos objetivos mudaram através dos tempos. Hoje a meta é ter paz, riqueza, beleza, fama e saúde.

Se é verdade que a vida aqui na Terra é um teste, você não ganha o jogo quando consegue essas coisas. Você pode vencer o jogo dos humanos sendo famoso e poderoso, mas será que é assim que se vence o jogo dos Deuses? Será que eles não jogam jogos diferentes?

Eu acredito firmemente que sim. O jogo espiritual é um pouco diferente do jogo da sociedade. Mas você não precisa substituir um pelo outro. Você pode ao mesmo tempo dialogar com humanos e Deuses, e harmonizar os seus mundos.

É aí que chegamos na Noite Escura do Caos. Até aqui só falei da Noite Escura da Alma, tal como descrita por São João da Cruz. Na época dele o jogo espiritual tinha muito mais importância que o jogo material e o espírito era considerado num grau mais elevado que a matéria.

É verdade que diferentes jogos são jogados simultaneamente nas mais diversas épocas. Mas vivemos hoje em tempos peculiares. O jogo humano da fama e riqueza não nos completa. Mas nós não precisamos necessariamente abandonar esse mundo e nossos valores.

É possível ficar em paz com o mundo, perdoar a humanidade e a nós mesmos. Nós cometemos incontáveis erros, mas também já acertamos incontáveis vezes. E por isso viver esse simpático jogo que os humanos criaram, com todas as suas limitações, ainda vale a pena. Não somos perfeitos, mas somos incrivelmente criativos.

Nós não precisamos competir com os Deuses e, cheios de orgulho, optar por viver uma vida meramente material porque não suportamos a ideia de alguém acima de nós mesmos, como Lúcifer. É claro que Lúcifer também conquistou o seu valor como exemplo de um rebelde da contracultura.

Mas eu gosto de pensar nos Deuses como aliados. A seguir, falarei um pouco da noite escura que vivenciamos hoje e sua relação com a magia do caos.

Capítulo 4: Noite Escura do Caos

Como os ocultistas enxergam a noite escura? Inevitavelmente, eles são produto de sua época. E as preocupações de nossos tempos são as questões do século XXI. Nesse sentido, nem sempre somos assim tão diferentes daqueles que encaram o mundo de uma perspectiva secularista e materialista.

Por mais que falem de Deuses com aparente propriedade, muitos ocultistas já não acreditam na existência real dessas entidades e as encaram como um produto da mente. Para Kenneth Grant, não importa se as entidades com as quais o magista trabalha são criaturas extraterrenas do espaço exterior ou habitante subjetivos do espaço interior, pois isso faria pouca diferença ao ocultista prático. Essa perspectiva não é muito diferente daquela adotada pela magia do caos.

Ainda assim, eu vejo que a maior parte dos ocultistas hoje, fortemente influenciados pela psicologia e pela filosofia contemporânea, preferem encarar os Deuses como símbolos, como um reflexo do seu “eu”, sendo eles entidades subjetivas e não objetivas. Se isso funciona para o magista, muito bem. Dá até certo orgulho usar pontos de vista em voga na nossa época.

Mas exatamente por estarem em voga, pode ser que em alguns momentos eles limitem nossa forma de ver o mundo. Por esse motivo, eu comecei a apreciar enxergar os Deuses como existências

objetivas fora da minha mente. Para mim pouco importa se estão fora de fato. Eu simplesmente gosto de trabalhar com um paradigma pouco popular nos tempos de hoje. Não para ser do contra, mas para tentar uma nova perspectiva e ver o que ela me acrescenta.

Eu descobri que existem imensas vantagens em acreditar firmemente que os Deuses estão fora de nós. Em primeiro lugar, isso quebra um pouco a arrogância do magista de acreditar que tudo que existe no mundo veio dele mesmo. É uma boa lição de humildade aceitar a existência de seres espirituais mais sábios, mais antigos e mais poderosos que nós (como os Grandes Antigos de Lovecraft).

Acredito que um dos fatores que levaram a minha operação de Abramelin a funcionar de forma tão extraordinária foi exatamente essa crença que eu tinha. Se o Sagrado Anjo Guardião é apenas um reflexo da minha mente, por que em vez de realizar uma operação longa e difícil como essa eu não vou ao psicólogo? É muito mais emocionante acreditar que existe um anjo designado a cuidar de cada pessoa desde o instante de seu nascimento e que por isso talvez ele me conheça até melhor do que eu mesma. E em nosso encontro ele teria muitas coisas a me contar.

Para ser completamente honesta, o dia em que realizei o meu contato e conversação com meu SAG mudou a minha vida. Desde aquele dia, 13 anos atrás, minha forma de ver o mundo se alterou completamente. Eu descobri e presenciei com todo meu ser que existe um mundo espiritual completamente real.

Mas o que é real? A filosofia tem muitas especulações a esse respeito. E, como diria Richard Dawkins, são especulações um pouco pedantes. De que adianta especular se o mundo ou eu mesmo não existem realmente se a minha existência e o mundo material ao meu redor são reais o bastante?

A grande questão está nesse “real o bastante”. Para mim, algumas experiências espirituais que tive, principalmente contato com entidades em rituais e meditações, foram tão reais quanto o mundo material. E a parte mais assustadora: algumas delas foram até mais reais.

Eu respeito aqueles que questionam a existência do mundo espiritual, os ateístas, materialistas, etc, mas somente porque eu respeito igualmente aqueles que questionam a existência do mundo material. Não são ambos questionamentos igualmente válidos?

Quando eu estou doente e sinto uma grande dor, aquilo é extraordinariamente real para mim. Mas quando estou profundamente triste, aquilo às vezes se torna tão real quanto a dor física, ou até mesmo mais real.

Isso não é coisa de história de fantasia. Às vezes achamos que ignorar dores físicas excruciantes e considerar o sofrimento do coração mais forte é coisa de filme. Mas não é. Já vi isso algumas vezes na minha frente. E já ouvi muitas histórias impressionantes a esse respeito. Como sabemos, a vida pode ser ainda mais surpreendente que as ficções.

Já ouvi histórias da vida real de pessoas que estavam prestes a morrer, mas elas aguentaram, até por longos dias, a realização de um desejo. E

somente quando esse último desejo era realizado, elas morriam quase em seguida. Uma vez escutei uma história sobre isso num livro que li sobre o grande anatomista Andreas Vesalius e achei que era meio exagerado. Até eu começar a escutar histórias assim acontecendo nos dias de hoje. E não na longínqua Índia dos yogues, mas na minha cidade. Não são apenas grandes almas iluminadas como o Yogananda que conseguem prever a própria morte. Quando conhecemos bem nosso corpo, às vezes é possível, ao menos com alguns dias de antecedência, sentir. Evidentemente isso também pode ser especulado pelas áreas biomédicas, mas não é disso que falo.

A grande questão aqui é que existem muitas coisas que não sabemos. E nem precisamos de Hamlet para nos lembrar disso.

Eu acredito que as noites escuras de hoje são um pouco diferentes das antigas porque perdemos o contato que o mundo antigo possuía com a espiritualidade.

Muitos hoje acham absurdo dizer que se uma pessoa está triste ou deprimida pode ter sido possuída por um demônio. Para mim, é uma explicação completamente razoável. Afinal, conforme relatado pelos grandes santos, não foi sempre a noite escura da alma uma batalha contra o diabo? E enquanto não conseguirmos superá-la, ele continua dentro de nossa mente.

E o diabo existe? Bem, essa tristeza é real o bastante? Em “The Little Book of Demons: The Positive Advantages of the Personification of Life’s Problems” Ramsey Dukes sugere que transformemos nossos problemas em demônios, pois personificá-los

facilitaria a comunicação. Ele sugere, por exemplo, que personifiquemos até os nossos métodos de divinação. Ao consultar o tarot, podemos imaginá-lo como um sábio que nos dá conselhos, em vez de um método material de consulta.

Não é por acaso que em seu livro mais recente “Getting Higger” Julian Vayne faça a sugestão de que possamos nos dirigir aos enteógenos como entidades, fazendo pequenas preces ritualísticas antes e depois de seu uso.

O ritual é um teatro. Você se fantasia e interpreta um personagem num mundo espiritual. Se quer se divertir a valer e ter bons resultados, faça a coisa direito e esteja realmente num mundo maravilhoso de fantasia, em que dragões e fadas são seres reais e não imaginários. Se ainda não está convencido, leia o livro “On The Plurality of Worlds” de David Lewis, para que ele te convença com fórmulas matemáticas que existem realmente dragões e burros falantes. Preciso tirar o chapéu para esse cara.

É claro que é uma ilusão acreditar que você pode ser feliz o tempo todo e, se for um mago muito poderoso, basta afastar os demônios com um dente de alho e uma cruz, como quem se livra de vampiros.

O diabo possui um papel a desempenhar no mundo, por isso Deus permitiu que ele continuasse por aí. Por incrível que pareça, essa é a posição do cristianismo. Gosto dessa passagem de “Relatos de um Peregrino Russo”, um livro de cristianismo ortodoxo:

"Shatan é uma criatura, cuja função é a de nos testar, de nos tentar para nos fazer mais fortes ou

simplesmente para permitir que tomemos consciência do nosso grau de fé e confiança em Deus".

"Sem os demônios e as ciladas que eles colocam no nosso caminho nós não conseguiríamos progredir, diziam os antigos Padres do Deserto"

Então aí está: por isso em vez de fugir da noite escura algumas pessoas até mesmo a buscam, simulando a situação de deserto e tentação através de jejuns e outras abstinências. Com esse ato é como se estivéssemos apressando nosso progresso espiritual. Digamos que é um atalho para subirmos na Árvore da Vida. Encare como um taxi ou uber.

Nas meditações indianas você também pode apressar o seu progresso meditando no calor intenso, no meio do mató e dos mosquitos, etc. Para quem passa por tais proações, meditações comuns em ambientes agradáveis passam a ser muito mais fáceis. Isso é bem lógico e óbvio.

Quando eu era adolescente eu costumava realizar vários desafios para as minhas meditações. Eu me considerava muito séria fazendo isso, mas no fundo o que me guiava era um desejo de me divertir e de superar os meus limites. São João da Cruz chamaria isso de gula espiritual. Eu estava totalmente embrigada por aquelas sensações e queria mais e mais, como um vício.

Eu ainda tenho muito a aprender em relação à vida espiritual, assim como amadurecer em relação à vida como um todo. Apesar disso, eu sinto que minhas muitas simulações de noite escura na adolescência (mesmo sem eu saber direito que estava fazendo isso) através de longas meditações, ascetes e

outros métodos, me ajudaram de formas que apenas hoje eu consigo enxergar os resultados.

Existem muitos ocultistas que são completamente contra mortificar o corpo. Eles dizem que os prazeres da vida devem ser celebrados e é muito mais saudável e natural realizar rituais que celebrem as alegrias da vida, com muitas comidas boas, bebidas, rituais divertidos, etc.

Sim, eu concordo que esses métodos também funcionam, com resultados diferentes. Podem fortalecer nossa amizade e laços com o grupo do qual fazemos parte, aumentar nosso contato com a egrégora, com o mundo dos Deuses, etc.

Mas a magia do caos reconhece que tanto a gnose excitatória quanto a inibitória podem dar bons resultados. Tanto mortificar o corpo quanto enchê-lo dos mais variados prazeres possíveis podem gerar resultados espirituais.

Eles apenas são métodos diferentes, com energias diversas. Na alquimia também há a via úmida e a via seca, cada uma com suas vantagens e desvantagens.

O magista que prefere realizar ascetes não deve criticar aquele que opta por celebrar os prazeres da vida e vice-versa. Cada um tem suas razões para fazer o que faz, mas o caoísmo nos propõe que de vez em quando troquemos nosso paradigma para obtermos uma nova forma de encarar o mundo.

Michael Kelly, membro da Ordem de Apep, de magia draconiana, gosta de escrever sobre magia do caos (Apep é a serpente egípcia do Caos). Ele fala bastante sobre as religiões nórdicas. Ele lembra que no que ele chama de religiões originais europeias há pouca distinção entre carne e espírito. A magia

draconiana seria sobre a busca do desejo e não sua cessação.

Eu acho maravilhoso e totalmente válido os caminhos do LHP que buscam honrar o eu e exaltar nossos desejos. Porém, o problema começa quando esses praticantes passam a defender que o caminho da cessação do desejo (de religiões como as indianas) está incorreto.

Da forma que eu entendo, há muitos caminhos e modos de fazer as coisas. Você pode até defender que existe somente um caminho e uma verdade, mas esse paradigma passa a ser válido quando interpretamos da seguinte forma: OK, então estão todos avançando espiritualmente pela mesma via, mas nós estamos chamando as mesmas coisas com outros nomes.

Novamente, é um problema de linguagem. Às vezes a exaltação do desejo e sua cessação são técnicas mais parecidas do que pensamos a princípio e estamos brigando por pouca coisa.

Como se costuma dizer, para muitos Deuses o que conta mais é a intenção. Vamos supor que você quer contatar o Deus Clownshoes Fantastic (me perdoe, John Higgs, mas eu não resisti). Você passa o dia inteiro de jejum para aguardá-lo e ele pensa: “Poxa, mas que cara legal, fez isso por mim. Não dou a mínima, mas vou aparecer pra esse mané”. Um outro magista compra um frango inteiro para ofertar ao Deus e ele logo pensa: “Nem gosto de frango, mas o sujeito é esforçado, então vou aparecer pro moço”.

Não faço a menor ideia como funciona o raciocínio dos Deuses, mas esses dois métodos têm

se mostrado efetivos. Pode não ser pelas razões que imaginamos, mas funcionam.

A explicação mais óbvia seria que você mesmo reconhece que, após tanto esforço, o tal Deus vai ter que aparecer. É essa a mesma lógica para a magia de Abramelin: depois de seis meses acordando antes do nascer do Sol, depois de tantas leituras da Bíblia e doações para caridade, é impossível que o seu Sagrado Anjo Guardião não perceba que todas essas foram tentativas de gritar para ele: “Notice me senpai!”.

Por isso eu tive certeza: “Depois de tudo isso, essa magia vai ter que funcionar, mesmo que não funcione! Senão eu mesma vou fazer esse treco funcionar, de tanta confiança que sinto nesse momento depois de toda essa preparação. Algo vai acontecer”.

É como se diz no budismo: o maior dos cinco obstáculos para atingir os jhanas é a dúvida. Quando se derruba esse único obstáculo, todos os outros caem na sequência, como um dominó.

Acredito que o primeiro passo para lidar com uma noite escura é reconhecer que ela está acontecendo. Não é fingir que tudo está bem quando não está e ignorar completamente que temos fraquezas. Ao contrário, podemos saudar a noite escura e pensar: “é desconfortável, mas é o que me fará voar”.

É como se houvesse um grande abismo diante de você. De um lado está o seu mundo e você pode progredir dentro dele dando um passo de cada vez. E você pode ousar atravessar o abismo. Há o risco de cair e a queda será feia. Talvez você fique um longo período preso lá. Mas se conseguir superar esse

passo, irá adquirir asas. Pulará para uma outra realidade e seu progresso será mais impressionante do que muito do que você já fez antes.

Penso algo parecido em relação à paralisia do sono. Isso acontece comigo com certa frequência e toda vez que sinto o corpo preso passo por uma grande angústia. Mas logo lembro que é a oportunidade perfeita para realizar uma viagem astral e isso me liberta. A recompensa das minhas viagens astrais compensou em muito a angústia das paralisias do sono. Sim, é um momento de noite escura, com formas e monstros. Você pode banir com gargalhadas.

Acho que hoje em dia o mundo espiritual se tornou uma bengala para nos ajudar a caminhar no mundo material e mental. Para a maior parte de nós, esses dois que são o “mundo real” e o mundo dos espíritos são meras metáforas para nos trazer paz mental e sucesso no trabalho, na vida diária, etc.

Mas e se for o contrário? Tente inverter. Pode ser que o corpo e a mente sejam apenas ferramentas para nos trazer um desenvolvimento espiritual.

Acredito que as duas abordagens são extremistas. Eu vejo que as três realidades possuem seu valor e devem ser trabalhadas juntas.

Para ser sincera, eu ainda tendo a defender o “extremismo” de que o mundo dos espíritos tem maior valor. Pode ser que não tenha de fato, mas esse pensamento funciona na prática. Afinal, se o mundo material for mais importante, que pena, pois em breve morreremos. Já se o mundo espiritual for a meta, que grande sorte, considerando que temos um

espírito que sobrevive à morte, segundo o relato de tantas religiões.

Então eu estou basicamente adotando as crenças mais convenientes. E eu percebo que, ao menos para mim, a crença no mundo espiritual é imensamente vantajosa e traz resultados fantásticos. Acho melhor do que incluir todas as explicações mentais e espirituais na gaiola do materialismo.

Essa é apenas a experiência que eu tive. Como caoísta, você tem todo o direito de defender o paradigma materialista até a morte, com todas as suas forças. E caso seus argumentos sejam bons, eu serei a primeira a aplaudir e pedir um autógrafo.

De qualquer forma, a minha teoria é a de que a noite escura hoje se tornou sinônimo de problemas psicológicos que podem ser resolvidos com sessões de psicoterapia e antidepressivos.

Não estou aqui diminuindo as sessões de psicoterapia, que podem nos ajudar muito (embora eu ache que o uso de antidepressivos deva ser feito com imenso cuidado). Eu apenas acredito que a noite escura da alma vá muito além de questões psicológicas.

Alimente-se bem, durma bem, faça exercícios físicos, tome sol, reserve momentos para o lazer, saia com os amigos, ria um pouco, etc, concordo e assino embaixo. Acontece que até mesmo pessoas que são cuidadosas em relação a todos esses quesitos ainda assim experimentam a noite escura. Basicamente, não existe uma fórmula mágica para escapar dela.

E nosso objetivo não é escapar dela, e sim buscá-la. Ou, no mínimo, aceitar a batalha quando ela surgir.

Se você deseja explicar isso usando argumentos da biologia, eu diria que o tédio e o vazio podem ter utilidades evolutivas e ainda fazem parte do ser humano por uma razão. Eles podem ser um alerta para que nós possamos nos manter em atividade. Claro que também podem ser resquícios de algo que já foi útil um dia e não é mais, como um apêndice.

Algumas emoções humanas nós podemos aprender a domar ao menos em parte. Outras vezes nós iremos reconhecer que nossa obsessão por controle anda um pouco excessiva e iremos apenas observar sem julgar, como os budistas.

Pode ser que nossas perdas materiais e corporais hoje em dia nos causem mais dor que antigamente (perder muito dinheiro, perder um ente querido, etc) porque achamos que tudo que existe é a matéria. Se acreditamos que há um mundo espiritual que virá não apenas depois desse, mas que existe agora mesmo simultaneamente a esse (e podemos acessá-lo aqui e agora, parcialmente) a nossa visão de mundo se transforma.

As noites escuras já não são tão dolorosas quando entendemos que mesmo se perdermos todas as coisas materiais que temos e até mesmo nossa sanidade, não é assim tão terrível, pois ainda temos Deus.

Mas a noite escura não é exatamente a ausência de Deus? Não é quando ele se esconde? Ahá! A grande sacada é manter a fé de que Deus só deu uma saída temporária. Ele achou que o relacionamento de vocês estava muito sufocante e quis te dar um espaço. Livre-arbítrio, seja bem-vindo! Temos liberdade para experimentar o sofrimento sem Deus. Isso não é fantástico? É só quando perdemos que valorizamos!

“Está chegando! O medo! O terror!” clamava Buda em suas madrugadas solitárias nas florestas. Mas ele sabia que aquilo era necessário.

E o demônio Mara chega, com toda a sua fúria! É exatamente após a batalha feroz contra Mara, repleta das mais terríveis tentações, que Buda atinge a iluminação.

Eu já me diverti com meu momento de noite escura no meio do mato, quando era quase madrugada e eu só tinha uma lanterna para iluminar a escuridão quase absoluta. Só tive que me levantar da meditação porque eu já não sentia meus dedos dos pés e sentia que estavam começando a congelar, mas foi divertidíssimo. Eu relato isso e outras coisas no meu livro sobre meditações.

É estranho usar o termo “divertido” para isso, mas é como se fizéssemos parte de uma grande história de fantasia na vida real. Você reconhece o instante e pensa: “Uau, a noite dos demônios chegou! Eis-me aqui! Não é extraordinário que aconteça comigo a mesmíssima coisa que descreveram os mestres?”

Você quer desfrutar o seu momento, então aproveite! Se é para ser uma sensação desagradável, pelo menos torne o momento épico, puxe sua espada e seu escudo (podem ser orações, jejuns, sigilos, servidores, fique à vontade na criatividade) e en garde!

Se você deseja viver uma genuína noite escura caótica, existem vários métodos que funcionam. O banimento com gargalhadas é uma ótima pedida. Os demônios se assustam com nossa alegria e ousadia.

“Será que tem tanto medo que ficou louco?”
pensarão. Eles irão se deparar com seu servidor
multicolorido e dirão: “Sinto saudades da Idade
Média. Esse pessoal de hoje é um bando de palhaços.
Eles não levam mais a sério dor e morte?”

Você certamente usará seu servidor “Unicórnio de
Marshmallow”, que ainda tem cheirinho de
marshmallow e três cores.



Agora você já sabe que Unimar, parente do IPU
(Invisible Pink Unicorn) é o melhor servidor para
combater uma noite escura da alma. Use-o para
montar a sua noite escura do caos personalizada. Eis
o sigilo dele.

Você sabe que eu recebi o sigilo em uma revelação de deuses greco-romanos-egípcios-indianos-nórdicos e já foi testado com sucesso por incontáveis especialistas. Eu não o desenhei em 30 segundos no Paint. Eu jamais faria isso. Portanto, ele é imensamente confiável.

Capítulo 5: Os Cinco Mandamentos do Caos

Atenção! Nós somos revolucionários da contracultura!

Atenção! Nós gostamos de valorizar teorias que hoje foram desprezadas e consideradas obsoletas por um grande grupo!

Atenção, isso não é uma piada!

Atenção! Não preste atenção em mim.

Nós temos cinco mandamentos, porque $2+3 = 5$.

1- A TERRA É PLANA



Junte-se a nós como um membro da Flath Earth Society!

Ninguém pode provar que a Terra tem forma esférica. E mesmo se tiver, pode ser que ela mude de forma quando ninguém está olhando (como no princípio da incerteza de Heisenberg ou como o gato de Schrodinger que está ao mesmo tempo vivo e morto ou qualquer dessas coisas) e ela apenas finja ser redonda para enganar todo mundo.

Esse é nosso Primeiro Mandamento. Não importa se ele não faz sentido, pois você prova sua fé em Deus quando acredita em coisas sem sentido. Se fosse para acreditar em coisas que fazem sentido, seria muito fácil.

2- A MONARQUIA É A MELHOR FORMA DE GOVERNO



Queremos a volta da monarquia no Brasil!

Sabemos que a monarquia é a melhor forma de governo. Para saber mais detalhes sobre isso, recomendo o livro “Our Pet Queen: a New Perspective on Monarchy” de John Higgs.

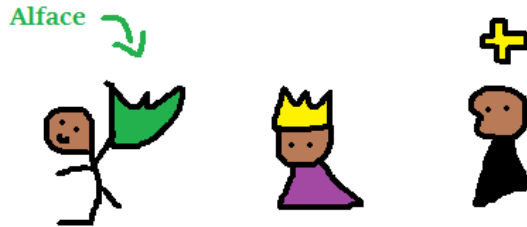
Atualmente há mais de quarenta países em que a monarquia funciona com sucesso, incluindo Japão e Reino Unido. Mas o nosso maior exemplo é a Suazilândia, com a monarquia absoluta do Rei Mswati III, cujo poder executivo e legislativo é supremo.

Já estamos cansados dessas brigas de partidos. A monarquia gera muito mais estabilidade e se gasta menos dinheiro com essa tal democracia.

Os filósofos da Grécia Antiga sempre debateram qual era o melhor sistema de governo e ninguém nunca chegou a uma conclusão. Enquanto eles continuam debatendo, vamos confiar na tradição.

Já que não podemos ter monarquia absoluta (um conceito muito avançado para a mente do século XXI), vamos defender a volta da monarquia parlamentarista no Brasil!

3- FEUDALISMO É MELHOR QUE CAPITALISMO E SOCIALISMO



Uns plantam Outros governam Outros rezam

Além da briga por partidos, estamos cansados de ver a briga de capitalismo versus socialismo e esquerda versus direita.

Achamos que a Revolução Francesa foi um acontecimento desnecessário na história da humanidade. A democracia foi exercida em sua melhor forma: a cabeça de todos foram cortadas, sem distinção de credo ou classe social.

Tal como a monarquia e o cristianismo trazem estabilidade, assim também é com o feudalismo. Cada um agradece a Deus pelo que tem e faz o seu melhor onde está.

O feudalismo valorizou a agricultura e a vida no campo. Os mosteiros foram o melhor exemplo de socialismo voluntário e sem sangue que a história já

conheceu. Até reis largavam tudo e iam morar nos mosteiros. Agricultores pobres podiam se tornar abades. Nem mesmo no século XXI é possível uma mudança de classe social tão veloz!

Nos dias de hoje as cidades estão abarrotadas de gente e se valoriza pouco a vida no campo. Como resultado, os alimentos ficam caros devido ao preço do transporte. E assim optamos por comidas industrializadas que fazem mal à saúde. Quando comemos os alimentos da terra são cheios de agrotóxicos para aumentar a produção e compensar a falta de agricultores.

Para saber mais detalhes, leia o livro “Um Esboço da Sanidade: Pequeno Manual do Distributismo” de G.K. Chesterton, teoria política e econômica com base no feudalismo, defendida por pensadores cristãos no século XX.

4- O SISTEMA DUODECIMAL É MELHOR QUE O DECIMAL



Eu queria ter 6 dedos

O sistema com base 10 foi criado apenas porque nós temos dez dedos nas mãos. Como 12 tem mais divisores que 10, a tabuada seria muito mais fácil de decorar e eliminaria muitas frações.

Se você concorda conosco, faça parte da Dozenal Society of America. Queremos a substituição do sistema decimal pelo duodecimal! Chega da tirania do dez! Jesus teve doze discípulos e não dez, demonstrando assim a supremacia espiritual do número doze.

De acordo com Timothy Leary em “The Game of Life”, segundo Robert Anton Wilson e William Burroughs há 23 conspirações básicas. Quando adicionamos nós mesmos temos 24 realidades (e $12 \times 2 = 24$).

5- Os mandamentos anteriores podem ser alterados conforme muda o paradigma vigente



**Essa não é a caosfera mais linda que
você já viu?**

Todo mundo sabe que a maior parte dos ocultistas e dos caoístas não gostam do cristianismo porque se sentiram reprimidos por ele na infância. Por isso, é simples introduzir uma contracultura no ocultismo: basta defender tudo o que o ocultismo repele.

Mas quanto mais você defender esses mandamentos mais eles ficarão populares e se tornarão a nova regra. Por isso, esses mandamentos precisam ser alterados de tempos em tempos.

Como diria o Principia Discordia, eles são catmas e não dogmas.

Parece que este livro acabará aqui. Não porque eu não tenha outras coisas a dizer, mas porque a novela já vai começar.

**FUTEBOL OCULTISTA: RHP VERSUS
LHP, QUEM VAI GANHAR?**

Vou passar a bola

A bola é minha



Espera, espera!



Meu sigilo furou sua bola.



**COMI
TUDO**





